

---

# NOTAS E COMENTÁRIOS

---

*Persp. Teol. 19 (1987) 69-80*

## O LEIGO NA IGREJA DO BRASIL

### Tipologia de movimentos\*

*João Batista Libânio S.J.*

O leigo na Igreja do Brasil é tema extremamente vasto. Essas notas referem-se a uma aproximação inicial do problema, tentando estabelecer uma tipologia dos movimentos de leigos no atual panorama eclesial nacional.

A finalidade de tal texto é oferecer, de modo didático, um conspecto dos movimentos de leigos como base para ulteriores discussões e estudos. Por isso, o caráter do escrito é operacional e simplificado. Além disso, é sobejamente conhecido o limite do método de tipologias. Se de um lado oferece uma percepção mais clara e ordenada de uma situação, doutro lado é simplificador e às vezes corre o risco mesmo de certos traços caricaturescos.

### 1. MOVIMENTOS TRADICIONAIS

Numa Igreja, que vem sofrendo o impacto modernizante dos movimentos senão iniciados ao menos reforçados pelo Conc. Vaticano II e por Medellín-Puebla, existem ainda outros que são anteriores a tais rupturas sócio-eclesiais. Tais movimentos chamamos de "tradicionais". Podemos ainda distinguir entre eles dois grupos: uns anteriores ao processo de romanização do catolicismo do Brasil e outros fruto desse processo.

#### a) Movimentos anteriores à romanização

Alguns autores brasileiros chamam de "romanização" do catolicismo do Brasil o fenômeno realizado sobretudo por um grupo de bispos reformadores a partir da segunda metade do século passado. Consistiu principalmente na tridentinização de uma Igreja ainda muito estruturada a partir de um catolicismo popular de herança lusa. É dentro dessa tradição popular pré-tridentina, lusa, de forte acento

---

\* Palestra feita no "Coloque Laïcité: Mythe ou réalité?", organizado pelo MIEC – Mouvement International des Étudiants Catholiques. Paris, 17 a 19 de fevereiro de 1986.

---

devocional e leigo, que se situam esses movimentos leigos.

Antes, portanto, desse processo de romanização, encontramos a presença de um leigo atuante, mas ainda não em forma organizada. Trata-se do *beato*, do *rezador*, do *benzedor*. Esses se constituíam em tal condição por um "carisma espontâneo e pessoal". A legitimação não lhes vinha de nenhuma instituição ou organização, mas de sua qualidade carismática pessoal. Eles rezavam, benziam, acolhiam fiéis devotos, davam-lhes conselho. E à medida que mais povo acorria a eles, mais se legitimavam e cresciam em credibilidade diante das pessoas.

O leigo pré-tridentino encontrou também formas organizadas, criando *confrarias* (irmandades) e *ordens terceiras*. Atingiram tais movimentos de leigos no Brasil Colonial seu apogeu, continuando ainda fortes no Brasil Imperial, declinando depois no Brasil Republicano, mas ainda têm certa presença até hoje.

As *confrarias* são associações religiosas que reúnem leigos do catolicismo tradicional, numa sobrevivência em chave religiosa, das antigas corporações de artes e ofícios de origem medieval. Sua finalidade principal é a promoção da devoção a um Santo, o embelezamento e fomento do culto. A festa do padroeiro tem importância única para a confraria e seus preparativos consomem muito das energias dos membros. Como projeção do culto, praticam os membros das confrarias secundariamente obras de caridade assistencial e de mútua ajuda.

Tais movimentos de leigos revelam um *modelo de sociedade* em que o religioso ocupa o espaço especialmente do culto e de obras assistencialistas. Reflete também uma clara divisão social e racial da sociedade, já que algumas irmandades eram (são) exclusivamente para brancos como as do SSmo. Sacramento, S. Miguel das Almas, Bom Jesus dos Passos, N. Sra. da Conceição; outras eram (são) mais de mulatos, crioulos, pretos forros, como das Mercês, do Amparo; e finalmente na época da escravidão algumas eram praticamente de negros escravos como as do Rosário, S. Benedito, Santa Efigênia. Hoje ainda refletem algo dessa divisão racial e social. Nelas também aparecia a divisão entre homens e mulheres. Assim a irmandade do SSmo. Sacramento era só para homens, enquanto que a do Rosário tinha homens e mulheres. Nas irmandades de brancos, os pretos não entravam; mas nas dos pretos, brancos infiltraram-se e exerceram certa posição de controle, evitando movimentos sociais emancipatórios. As irmandades eram também espaço de liberdade para as camadas mais pobres da sociedade: lugar de suas festas, recreações, criação livre e espontânea, iniciativas de mutirão, artesanato e trabalhos comunitários. Certamente algo dessa função social ainda deve existir nelas, ainda que em outro contexto bem diferente de seu tempo de apogeu — Colônia e Império.

---

Em íntima ligação com esse modelo de sociedade, estava o *modelo de Igreja*. De um lado, uma Igreja muito leiga, de muita reza e pouca missa. Isso quer dizer que os leigos levavam a direção, a organização das confrarias e o capelão, muitas vezes, estava totalmente a serviço das mesmas. Estavam mais ligadas à tradição medieval leiga que ao catolicismo clerical tridentino. Pouco a pouco começa uma certa inversão, assumindo o capelão e a igreja clerical maior poder e diminuindo a autonomia leiga. Em Minas, há ainda muitos resquícios desse tipo de Igreja, que aparece sobretudo em certos momentos da vida litúrgica: Semana Santa, festa do padroeiro, procissões, onde essa presença e iniciativa leiga se faz visível e atuante.

Numa linha mais espiritualista, procurando seguir a espiritualidade das grandes ordens medievais, especialmente carmelita e franciscana (mas também servita, dominicana), temos as *ordens terceiras*. Podemos considerá-las dentro do mesmo modelo de sociedade e Igreja.

#### b) Movimentos de leigos romanizados

O crescimento e fortalecimento da presença do espírito tridentino em nossa Igreja produziu como efeito uma diminuição dos movimentos leigos e associações tais como confrarias e ordens terceiras, e a implantação ou/e incentivo aos movimentos ligados mais fortemente à estrutura clerical da Igreja, tais como: Apostolado da Oração, Congregação Mariana, Filhas de Maria. Como tais movimentos são muito conhecidos, não necessitam ser descritos.

Interessa ver o *modelo de sociedade* que refletem e reforçam. Firma-se o processo de autonomização das instituições eclesásticas diante do Estado (imperial/republicano), de maneira que o Estado também é considerado na sua autonomia. Mas através de pressões religiosas, — isto será típico de muitos desses movimentos, especialmente da Congregação Mariana —, o Estado é forçado a defender e salvaguardar os direitos da Igreja (liberdade de ensino religioso, escolas católicas, indissolubilidade do matrimônio, etc...). Portanto, um Estado independente da Igreja, mas com o dever de proteger a religião católica (da maioria dos brasileiros).

Nesse *modelo de Igreja*, busca-se aprimorar a sua organização e as estruturas internas, reforçando-se a disciplina, provendo-se de meios próprios e aptos para tal. Norteará tal modelo "a unidade e autoridade dos bispos, a disciplina do clero e a regeneração religiosa do povo"<sup>1</sup>. A

---

<sup>1</sup> P. A. RIBEIRO DE OLIVEIRA, *Religião e dominação de classe*. Gênese, estrutura e função do Catolicismo romanizado no Brasil, Ed. Vozes, Petrópolis 1985, p. 283.

---

função do padre nos movimentos leigos torna-se central, reservando-se ele o poder de decisão, e os leigos mais de execução.

A espiritualidade é marcada pelo individualismo da salvação e da ética, com insistência na prática sacramental e na ética do dever de estado em contraposição a um catolicismo devocional dos movimentos do momento anterior pré-romanizado.

## 2. MOVIMENTOS INTERNACIONAIS

Lentamente a partir da década de 50 na Europa e sobretudo nos anos 70 no Brasil, começaram a surgir os movimentos transnacionais de leigos. Esta nova realidade pastoral dos leigos encontrou na Instituição da Prelazia Pessoal do Opus Dei (27.XI.1982) seu reconhecimento jurídico e oficial, de significação eclesial e eclesiástica ainda não percebida na novidade de sua qualidade. Alguns desses movimentos nasceram, tiveram seu momento de pique e declinaram (ou mesmo desapareceram quase totalmente como o Movimento por um Mundo Melhor). Mas isso não significa de modo nenhum declínio da realidade-movimento transnacional, pois surgem outros em seu lugar, mais organizados e poderosos ainda.

Indicação de alguns dos mais importantes desses movimentos:

*Opus Dei*: fala-se de 72.000 membros com 1.000 sacerdotes envolvidos e muitos bispos.

*Movimento por um Mundo Melhor*: fundado em 1948 — Milão, sob a orientação do P. Ricardo Lombardi S.J. e que teve forte atuação no Brasil nos anos anteriores e seguintes ao Conc. Vaticano II (equipe do P. Marins).

*Cursilhos de Cristandade*: Espanha, 1949. Cresceu muito no Brasil na década de 70. Numa estatística de 1981 falava-se no mundo em 85.000 cursilhos com 2.500.000 de pessoas atingidas por eles.

*Focolari — GEN* (sessão jovem): Trento, Chiara Lubich.

*Renovação Carismática*: USA, 1967.

*Encontros Matrimoniais*: USA.

*Movimento Catecumenal*: Espanha.

*Movimento de Schönstatt*: Alemanha.

*Comunhão e Libertação*: Itália.

*Casais com Cristo*: ramificação do Cursilho.

*Equipes de Nossa Senhora*: de origem francesa.

São movimentos de leigos para leigos, onde a presença sacerdotal é, de certo modo, subordinada aos interesses dos leigos. Os leigos têm a absoluta hegemonia dos movimentos.

Tais movimentos revelam um *modelo de sociedade*. Atravessando

---

as diversas nações, tanto ricas como pobres, existe, por assim dizer, uma "classe transnacional", cujos modelos de consumo, valores, interesses básicos, preocupações culturais, comportamentos éticos e sociais são comuns e muito semelhantes. São as sociedades regidas pela transnacionalização do capital (economia), do poder (política), dos padrões de comportamento (social) e da maneira de pensar, valorar, imaginar (cultura). É a figura da "aldeia global". Naturalmente, tal modelo de sociedade é ditado pelos países ricos, do hemisfério norte, desenvolvido, superindustrializado, já imerso no universo da alta informática. Nesses países a maioria dos habitantes já pertence a tal sociedade, enquanto que em nossos é pequena camada. E as nossas grandes massas de pobres são também elas vistas a partir de tal modelo, seja como término-destinatário de muitos produtos materiais e simbólicos elaborados pela "grande sociedade", seja como objeto provisório de ajudas e assistência. Eis alguns símbolos dessa sociedade: o homem que lê "Time" (ou revista da natureza), aquele que dispõe de automóvel, usa a rede bancária, etc...

Nesse modelo de sociedade, as necessidades fundamentais do povo, das grandes massas, da nação estão subordinadas à ideologia transnacional, cosmopolita, cuja referência principal se situa fora do país. Modelo de sociedade também fortemente urbano, com suas necessidades peculiares, centradas nos indivíduos e no âmbito familiar. A comunicação nessa sociedade não se faz no lugar de habitação (como nas periferias e nas zonas rurais), mas através do carro individual, que faz as pessoas circularem pelos espaços de seus interesses — moradia, trabalho, lazer, cultura, educação, política, religião. Criam-se diferentes redes de amigos por setores, que, por sua vez, são independentes entre si. Sociedade muito ciosa de sua autonomia, sua "privacy", não tolerando nenhuma instância, inclusive religiosa, que interfira em todos os setores da vida. A religião é, como toda outra esfera, setorial. Setor da experiência de si próprio no mundo e na vida, do sentido da existência individual e que se vive ou individualmente ou em grupos específicos, homogêneos. Numa palavra, trata-se do típico modelo da sociedade moderna desenvolvida, urbana, industrializada, secularizada, individualista.

A esse modelo de sociedade, corresponde o *de Igreja*. Insere-se tal modelo num movimento mais amplo de "recentragem", que se manifesta no reforço das estruturas centrais. No caso da Igreja, três atores sociais são reforçados: o poder romano, a teologia teuto-romana e os centros dos movimentos de leigos transnacionais. Esses três atores configuram uma unidade e um modelo de Igreja a ser depois realizado nas igrejas particulares do mundo. Instaura-se um movimento que vem de uma unidade dada a ser depois participada nas bases locais. A participação se faz sobretudo pela obediência e acatamento das orientações disciplina-

---

res, dogmáticas e pastorais. A insistência fundamental se faz sobre a "unidade", que é pensada e institucionalizada pelos três agentes mencionados. As sugestões e colaborações das igrejas particulares serão assimiladas para dentro da unidade já dada, quanto possível. Em caso de tensão séria, procura-se então convencer as bases eclesiais da necessidade primordial da unidade com sacrifício mesmo de valores locais. Esta unidade é o bem maior. As aspirações dos leigos se relacionam de modo análogo com as centrais dos movimentos transnacionais, que também batalham para conservar a unidade do movimento a despeito das diversidades locais.

Para que isso seja mais facilmente viável, os movimentos simplificam os elementos teóricos teológicos, que em geral são provocadores de divergência. Professa-se um certo fundamentalismo teológico e uma espiritualidade de conversão individual e de vivência grupal de tal natureza que não ponha em risco as estruturas do movimento. Os fatores provocadores de divergência e crise são reduzidos ao máximo, tais como: discussões teóricas, análises ideológicas, compromissos sociais políticos em benefício de atitudes individuais, espiritualistas, carismáticas, que tocam mais o lado afetivo e emocional que o crítico-prático. Por isso, tal modelo de Igreja tende mais a um conservadorismo eclesiástico (e também político), mesmo quando promove formas espontâneas de oração e de celebrações. Em relação às igrejas particulares e às pastorais locais, estes movimentos conservam certa distância ou mesmo paralelismo, vinculando-se antes às consignas dos seus respectivos centros, em maior ou menor articulação com o centro eclesiástico romano, em vista de uma pastoral mais eficiente, organizada e atuante.

Nesse modelo de Igreja, a posição do leigo encontra um lugar próprio definido por ele e para ele, à margem das orientações clericais. Tal fato não aparece à primeira vista por duas razões. Primeiro porque esses movimentos leigos não se apresentam em oposição à clericatura, mas antes como intimamente vinculados a ela. Guardam atitudes de respeito, acatamento, veneração, que terminam por afastar qualquer ameaça. Mas na prática e nas opções, seguem tranqüilamente as consignas dos centros à margem das opções e necessidades das bases locais. Podem coincidir. Não são buscadas explicitamente. E uma segunda razão, de relevância, é que tais movimentos têm formado seu clero e mesmo bispos, de modo que esses se sentem em profunda harmonia com eles. De fato, ambos seguem as mesmas diretivas. No caso, são o clero e os bispos que se conformaram aos movimentos e não vice-versa. Daí um esforço crescente de aumentar a presença de tais movimentos na orienta-

---

ção e formação dos seminaristas, para que o novo clero já surja bem adaptado a eles<sup>2</sup>.

### 3. MOVIMENTOS INTERNACIONAIS EM VIA DE TRANSFORMAÇÃO LOCAL

Nas décadas de 50 e 60 conhecemos no Brasil, um movimento internacional — a Ação Católica — que foi lentamente assumindo cores locais a ponto de envolver-se profundamente com a problemática política nacional e entrar em choque com a hierarquia, terminando por ser supresso, exceto na sua forma de JOC. Mas sob sua inspiração e na mesma perspectiva de inserção no contexto nacional, há outros movimentos, hoje pequenos, que tentam continuar a viver a intuição fundamental da Ação Católica: Renovação Cristã, MCU — Movimento de Cristãos Universitários<sup>3</sup>.

Sob o impacto de Medellín e Puebla, alguns movimentos transnacionais fizeram um enorme esforço, não sem tensões com seus centros fora do país, de deixarem-se influenciar, questionar, reestruturar a partir da realidade social da América Latina. Entre eles, podemos assinalar o Movimento Familiar Cristão e os Cursilhos de Cristandade (em alguns núcleos e de certo modo na coordenação nacional, nem sempre seguida por todos os núcleos).

O *projeto de sociedade* desses movimentos difere de seus pares. Já não se trata de viver numa sociedade transnacional com seus valores, interesses comuns, mas de buscar responder aos problemas e necessidades de sociedades locais, periféricas. E enquanto essas sociedades não passam de reflexo das internacionais, cabe desenvolver um modelo alternativo próprio e nacional. Luta-se por um projeto de sociedade justa e fraterna em contraposição à atual, organizada em função de interesses internacionais e de pequenas minorias nacionais. Nesse sentido, tais movimentos levam a sério pensar e concretizar a opção fundamental de Medellín, retomada em Puebla, pelos pobres, com as conseqüências que tal opção implica. Nesse projeto de sociedade atribui-se maior importância às classes populares, de modo que seus interesses interferem nas opções a serem tomadas pelos leigos de outras classes em suas práticas eco-

---

<sup>2</sup> Para uma informação mais completa ver: J. COMBLIN, Os "Movimentos" e a pastoral latino-americana, em *REB* 43 (1983) 227-262; J. B. LIBÂNIO, *A volta à Grande Disciplina*, Ed. Loyola, São Paulo 1983, pp. 131-158.

<sup>3</sup> Cf. J. KONINGS, *Pastoral universitária, opção libertadora*, Ed. Paulinas, São Paulo 1985.

---

nômicas, políticas e culturais. Busca-se, portanto, uma articulação de classes em vista da libertação das classes populares e não da manutenção sem mais do sistema. O problema da transformação da sociedade não está fora da perspectiva de tais movimentos. Por isso, não se atribui nenhuma precedência a uma problemática transnacional, mas parte-se da situação e contexto nacional (ou latino-americano) para pensar as práticas a serem conduzidas pelos membros do movimento em seus diferentes campos de atuação.

O *modelo de Igreja* acompanha esse deslocamento de preocupações sociais. Antes de tudo, procura-se apoiar a "Igreja popular" em suas práticas e Teologia com a força político-eclesial de que os movimentos dispõem. As necessidades das igrejas particulares ou do conjunto das igrejas da nação sobrepõem-se às consignas internacionais, diferentemente dos outros movimentos. Em vez de uma pastoral paralela às necessidades locais, tais movimentos procuram maior inserção nas mesmas, conscientes da relevância maior das bases populares e aceitando colaborar com elas no espaço de suas possibilidades e com a especificidade de seu lugar social e eclesialístico.

Este movimento de deslocamento para uma maior articulação com as bases populares da Igreja varia enormemente conforme o momento de consciência e prática de diferentes grupos desses movimentos. Às vezes as coordenações centrais caminharam mais que as unidades menores. Mas nota-se, sim, a existência de tal tendência. Ela tem produzido crise e rupturas no interior dos próprios movimentos, produzindo até mesmo surgimento de outros movimentos dissidentes. É sinal de que a opção ideológica é diversa. Nesse modelo de Igreja, o significado conservador ou transformador da política é seriamente considerado, refletido, de modo que as opções não sejam ingênuas mas coerentes com os objetivos libertadores aceitos e estabelecidos sobretudo por influência de Medellín e Puebla.

#### 4. MOVIMENTOS DE BASE (POPULARES)

Antes de tudo, cabe assinalar a existência de um leigo "desorganizado", não porque nunca foi organizado, mas sim porque foi realmente "desorganizado". Antes pertencia a movimentos tradicionais, que pelo impacto da modernidade, da urbanização, das mudanças provocadas pelo Concílio Vaticano II, se dissolveram ou perderam sua força de atração, talvez não tanto para esses próprios fiéis populares quanto para o clero que os dirigia e orientava. O impacto da modernidade e secularização tocou muito mais o clero que o povo simples, de modo que muitos fiéis, se sentiram estranhos no ninho da Igreja renovada.



Esses fiéis tornaram-se presa fácil das seitas onde eles encontram de novo aquele espaço religioso de orações, de cantos, de participação generalizada a que estavam acostumados, diferentemente desse novo tipo de participação mais intelectualizada através de cursos, muita leitura, introduzida pelas reformas do pós-Vaticano II.

Numa consideração sobre os movimentos leigos ou sobre os leigos em geral, esta camada popular merece atenção. Porque é enorme a energia espiritual disponível e a pastoral da Igreja Católica não tem sabido como canalizá-la, deixando-a escapar para outras instituições.

Ao lado desse leigo desorganizado, continua existindo o leigo "anônimo": A grande maioria dos fiéis. É um leigo que nunca foi organizado e por isso não sofreu os impactos da desorganização, mas também ainda não se inseriu nos novos movimentos de Igreja e tampouco mantém vínculos estreitos com a instituição Igreja. Tendo recebido uma formação espiritual, catequética pelas vias comuns — família, catequese de primeira comunhão, alguma missão popular, etc... — conserva essa religiosidade e formação cristã, atuando-a "individualmente" na família, na profissão e eventualmente nas atividades políticas. Ainda que estejamos tratando nesse parágrafo de modo especial das camadas populares, tais leigos existem em todos os setores sociais. Não se distinguem pelo situar-se na sociedade, mas pela maneira como se comportam diante da responsabilidade eclesial. Percebem-na como um compromisso pessoal, que devem desempenhar por conta própria sem estar de algum modo vinculado a movimentos, organizações ou estruturas eclesiais. Sua frequência à Igreja assume as mais diversas formas, desde uma habitual até uma vinculação puramente de princípios sem nenhum vínculo visível com a Igreja. O mais comum, porém, é uma presença intermitente, em momentos exigidos quer pelo ambiente social em que vivem, quer por impulsos religiosos espontâneos e imprevistos.

A novidade da presença dos leigos nas camadas populares acontece nas comunidades eclesiais de base. Elas não são movimento de leigos, mas forma nova de ser Igreja, onde o leigo popular começa a desenvolver novo tipo de presença. Não há uma organização institucional internacional que comande os leigos, nem órgãos de coordenação para suas atividades. Esse leigo assume uma presença relevante na Igreja a partir de iniciativas pessoais, de coordenações locais, de encontros organizados sem regularidade e frutos de iniciativas esporádicas.

Esse leigo, não filho de movimentos, torna-se "líder comunitário", desenvolvendo suas qualidades e atividades por obra e graça da nova maneira de organizar essas comunidades. O lugar gerador desse leigo tem sido os "círculos bíblicos", "encontros de formação para líderes populares", e as próprias atividades das CEBs. Nessa prática diária, vão-se

---

formando tais líderes comunitários, que animam as comunidades, criando, por sua vez, "novos ministérios" no interior da Igreja. Tal leigo leva a presença da Igreja para dentro dos movimentos e lutas populares sociais.

É a presença desse leigo popular, líder comunitário, que constitui a grande novidade da Igreja da América Latina no mundo dos leigos. Assim como os movimentos transnacionais constituem a expressão da maior novidade eclesiológica das Igrejas ricas e das camadas ricas de nossas igrejas, o leigo atuante nas CEBs manifesta a vitalidade das igrejas de nosso Continente. Pois essas são essencialmente constituídas de pobres, de pessoas vindas dessas camadas populares.

Por isso, interessa ver sobretudo o modelo de sociedade e de Igreja que tais leigos estão criando, para ter uma idéia para onde estamos caminhando com essa presença leiga na Igreja.

O *modelo de sociedade* que tais leigos pretendem realizar difere radicalmente dos anteriores. São base na sociedade e pensam a sociedade a partir de baixo, dos interesses populares, da perspectiva das massas pobres. Talvez sejam os cânticos que melhor traduzem em linguagem bem simples e popular esse modelo. Vejamos alguns poucos versos. Trata-se de um modelo de sociedade que nasce da união dos pequenos:

"Se a gente é inteligente  
vamos tomar uma decisão  
nós agora descobrimos  
que a força de nós pequenos  
tá na nossa união"

"Eu acredito que o mundo será melhor  
Quando o menor que padece  
Acreditar no menor".

Mas tal modelo só será possível através de muita luta:

"Vem, canta, luta cantando  
Vive forjando o novo chão  
Em que nós todos viveremos como irmãos"

"CEBs, Povo unido, semente da nova sociedade  
CEBs, é força e vida, é luta, é caminhada"

Como as bases são predominantemente rurais, a problemática da terra torna-se central nessa luta:

"Somos um povo de gente  
Somos o povo de Deus  
Queremos terra na terra  
Já temos terra nos céus"

Numa palavra, este modelo é força de movimentação:

---

"Ó povo dos pobres, Povo dominado  
Que fazes aí, com ar tão parado?  
O mundo dos homens tem que ser mudado  
Levanta-te povo, não fiques parado!"

"Na terra dos homens pensada em pirâmide  
Há poucos em cima e muitos na base  
Na terra dos homens pensada em pirâmide  
Os poucos de cima esmagam a base.

"Na terra dos homens pensada em pirâmide  
Viver não se pode pelo menos na base.  
O povo dos pobres que vive na base  
Vai fazer cair a velha pirâmide.

E a terra dos homens já sem a pirâmide  
Pode organizar-se em fraternidade.  
Ninguém é esmagado na nova cidade  
Todos dão as mãos em viva unidade"

Estes exemplos dos cânticos dão-nos uma ideia do modelo de sociedade que se está gestando nestes leigos na base.

O *modelo de Igreja* também se reflete fortemente nos cânticos. Predomina a ideia de *Povo* a caminho da libertação.

"Igreja é povo que se organiza  
Gente oprimida buscando a libertação  
Em Jesus Cristo, a ressurreição!"

"Queremos ser povo unido  
sem ódio e sem ambição  
A caminho da justiça  
para ter libertação"

É uma igreja que quer superar a estrutura fortemente clerical:

"A Igreja de agora não é só do padre não,  
Pois sabemos que cada um deve assumir sua missão.  
Hoje todos já sabemos que o caminho do cristão  
É lutar cada vez mais para que haja libertação"

E o modelo dessa Igreja é o povo de Israel pelo deserto:

"O Povo de Deus no deserto andava  
Mas à sua frente alguém caminhava.  
O povo de Deus era rico de nada  
Só tinha a esperança e o pó da estrada  
Também sou teu povo Senhor  
E estou nesta estrada  
Somente a tua graça  
Me basta e mais nada"

---

Numa palavra, pensa-se uma Igreja popular que não seja nem paralela à Igreja hierárquica, nem excludente dos não-pobres, mas que reconhece a novidade dos pobres tornando-se sujeitos ativos e conscientes nessa Igreja.

## CONCLUSÃO

Esse breve e resumido mapeamento dos movimentos e presença dos leigos na Igreja do Brasil nos deixa bem claro o desafio pastoral de como articular duas presenças bem diversas com suas tensões internas: Movimentos transnacionais e presença das bases ligadas aos interesses locais. O primeiro pensa e age dentro duma visão de sociedade e de Igreja de dimensão internacional e os leigos populares partem do contexto sócio-eclesial local de terceiro mundo pobre. Os primeiros respondem aos problemas típicos de classe média transnacionalizada. Os segundos respondem aos desafios dos e aos pobres numa sociedade pensada sem eles e não para eles; e numa Igreja onde sua presença consciente e atuante é recente e por isso mesmo desafiante, criadora de tensões e até crises.

---

**João Batista Libânio S.J.** é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma), Professor de Teologia na Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (Belo Horizonte, MG). Presidente da Sociedade Brasileira de Teologia e Ciências da Religião (SOTER). Membro do Conselho Presbiteral da Arquidiocese de Belo Horizonte. Entre suas obras, destaquem-se: *As grandes rupturas sócio-culturais e eclesiais*, 1980; *Pastoral numa sociedade de conflitos*, 1982 (ambos pela Ed. Vozes, Petrópolis); *A volta à Grande Disciplina*, 1983; *Fé e política*, 1985 (ambos pelas Ed. Loyola, São Paulo); *Escatologia cristã*, escrito em conjunto com Maria Clara L. Bingemer (Ed. Vozes, Petrópolis, 1985).

Endereço: Caixa postal 5047 — 31611 Belo Horizonte - MG